



Aquecimento Global e Efeito Estufa: análise de coberturas das revistas Veja, IstoÉ e Época no ano de 2006¹

Norbert Padilha HEINZ²

Pâmela Dias FONTANA²

Márcio Ronaldo Santos FERNANDES³

Márcio David Macedo da SILVA³

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

Resumo

O Aquecimento Global e o Efeito Estufa são temas atualmente muito abordados pelos Meios de Comunicação de Massa, principalmente pela Mídia Impressa. Dando continuidade ao estudo nas revistas Veja, Istoé e Época do ano de 2006, foram analisadas um exemplar de cada revista que apresentava a maior centimetragem de texto do ano. Concluiu-se que Época possui maior embasamento científico que Veja e Istoé.

Palavras-chave

Aquecimento Global; Efeito Estufa; cobertura de revistas; estudos de caso

Introdução

Os Meios de Comunicação de Massa (MCM) exercem grande influência na vida das pessoas, seja na formação de suas opiniões, seja em seu estilo de vida. Essa característica de “modeladora social” faz da mídia um mediador fundamental entre a ciência e a população. Sapper e Heberlê destacam a principal diferença entre mídia e ciência:

“... na ciência a busca é histórica, seqüencial e temporalizada, engrenada pela sistemática, pela verificação e validação dos dados no plano geral da sua atividade, além de trabalhar com desenvolvimento de médio e longo prazo.(...) já na mídia, prioriza-se a instantaneidade, a ousadia de dizer antes, se possível antecipando-se aos fatos.”(Sapper e Heberlê, 2005, p.1-2).

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



Apesar do conflito de conceitos, é de suma importância que haja certa concordância entre ciência e mídia para que o conhecimento científico seja repassado sem equívocos e/ou exageros. A informação que chega à população leiga deve estar numa linguagem simples e coerente, sem que para isso, apresente-se como conhecimento empírico, ou seja, sem nenhuma fundamentação científica.

No contexto atual, a globalização da economia e da informação constitui-se em marcas características, resultantes das mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas, principalmente no que se refere às Tecnologias da Comunicação. A evolução dos MCM, alavancada pelo desenvolvimento tecnológico, deu ao processo de comunicação e informação uma dimensão cada vez maior, dando mais visibilidade aos temas por eles tratados, saindo de uma dimensão local da informação para uma dimensão global. Um atestado notório dessa visibilidade inédita pode ser observado a partir do recorrente noticiário que há, em escala internacional, da chamada Camada de Ozônio, hoje um assunto de conhecimento e debate geral.

Há quem tenha uma visão bastante negativa quanto aos efeitos dos MCMs mesmo em temas tido como essenciais na sociedade atual, como os itens relativos à natureza e o consumo adequado de seus recursos. Santos (2003, p. 53) sustenta que:

“Com a consolidação dos meios de comunicação de massa e da sociedade de massa – que se caracterizam pela participação (ainda que em níveis diferentes) de grandes quantidades de pessoas nas decisões políticas e na vida social – alguns intelectuais passaram a reprovar a nova situação e, principalmente, os conteúdos dos veículos massivos (revistas, filmes para cinema, quadrinhos, tablóides de escândalos, folhetins, etc).

Polêmicas à parte, essa maior disponibilidade de informação oferece ao indivíduo subsídios para um posicionamento em relação ao desenvolvimento e projeção do futuro. Neste sentido, os MCM atuam como parte integrante do processo de promoção dos direitos constituintes da cidadania moderna, o direito à informação. Ao tratar do acesso, disponibilidade e uso da informação como parte constituinte dos direitos do cidadão contemporâneo, aborda-se também o direito às informações de toda ordem, inclusive as especializadas, como bem define Agra (2004).

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



Neste cenário, os dados sobre a temática ambiental trazem a público, em última instância, o problema da escassez crescente de recursos naturais e os impactos que a ação do homem causa ao meio ambiente, “contribuindo para a conscientização e formação de cidadãos ‘ambientalmente educados’”, como estipula John (2000) e como apregoam constantemente um número cada vez maior de organismos, em especial *Greenpeace* e *WWF*, ambos de enorme atuação internacional.

Portanto, é com grande influência dos meios de comunicação que a Humanidade, hoje, toma contato com os problemas ecológicos e procura rediscutir os seus modelos de desenvolvimento e sua atuação no Meio Ambiente (Ramos, 1995). A urgência em discutir tópicos relativos ao Meio Ambiente nos MCM demonstra uma preocupação em debater a problemática da utilização dos recursos naturais, avaliando a capacidade de suporte do meio, os impactos da sua utilização e a busca por alternativas mais adequadas, proporcionando o que tem sido chamado de *Desenvolvimento Sustentável*, expressão em voga no universo jornalístico, por exemplo. A ONG *WWF Brasil* apresenta ainda, em documento eletrônico, *Desenvolvimento Sustentável* como sendo:

“o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro. Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental” (www.wwf.org.br, 2008)

Assim, este trabalho considera como temática ambiental as questões relativas a estas respostas, cumprindo um duplo papel: informar e educar.

Este é o compromisso dos MCMs, ao divulgar informações científicas sobre o Meio Ambiente. Ao exercer o papel de informar, busca a difusão científica em si, abordando temas que se caracterizam como as “novidades” do pensamento crítico em determinada área do conhecimento. Já no papel de educar, os meios de comunicação assumem a postura de formar cidadãos mais responsáveis pela degradação do equilíbrio do planeta, uma vez que somos todos beneficiários da utilização dos recursos naturais (Agra, 2004). Quando o assunto é referente ao aquecimento global, tanto suas causas quanto suas conseqüências, há muitas controvérsias. Há uma infinidade de informações nos vários

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



meios de comunicação explicando tais questões e debatendo o futuro da sustentabilidade do nosso planeta.

Durante a evolução geológica da Terra, ocorreram vários períodos com temperaturas extremamente baixas resultando no congelamento parcial da superfície terrestre, as glaciações. A mais recente delas, chamada de *Würn-Wisconsiniana*, iniciou-se há cerca de 100 mil anos e chegou ao fim há aproximadamente 12 mil anos. Isso significa que estamos num período interglacial, onde ocorre o aumento contínuo e a longo prazo da temperatura de equilíbrio da Terra, fenômeno este denominado *Aquecimento Global* (Demillo, 1998).

O *Efeito Estufa*, responsável pelo Aquecimento Global, é o processo físico pelo qual a presença de gases atmosféricos faz com que a Terra mantenha uma temperatura de equilíbrio maior do que teria caso estes gases estivessem ausentes, permitindo a passagem de luz e apreendendo o calor (idem).

Baird (2002) ressalta que, para a temperatura ser constante, a quantidade de energia que o planeta absorve deve ser igual àquela liberada. É isso que preocupa os cientistas, pois o efeito estufa intensificado, resultado da poluição do homem, interfere nesse equilíbrio, potencializando os desastres naturais tais como enchentes, secas, tempestades, entre outros.

Objetivo

O objetivo do presente estudo foi analisar e apresentar os resultados de reportagens referentes ao Aquecimento Global de um exemplar (do ano de 2006) de cada uma das três maiores revistas semanais de informação geral de circulação nacional (*Veja*, *IstoÉ* e *Época*), que continham a maior centimetragem de texto dentre as reportagens voltadas aos temas Aquecimento Global e Efeito Estufa. Ou seja, verificou-se qual edição, dentre as 52 de cada uma ao longo de 2006, continha a reportagem com maior *centimetragem*, conforme pressupostos técnicos de autores como Harrower (2002).

Metodologia

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



A pesquisa em questão foi realizada com base na técnica de Análise de Conteúdo (AC), entendida como:

“um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento” (Chizzotti, 1991, p.98).

Apesar dessa definição, Bardin (1977) ressalta a dificuldade de se compreender a AC como um método uniforme, alertando para o fato de que se trata, antes, de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Por isso, complementa, deve-se entender a AC não como um instrumento, mas “um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”, ainda segundo Bardin (1977).

Em um segundo momento, coletou-se uma amostra de fontes (Marconi e Lakatos, 1996), compreendendo textos informativos das três principais revistas semanais de informação geral: *Veja*, *IstoÉ* e *Época*. A amostra é do tipo não probabilística intencional (Berquó, 1981) ou amostra selecionada, tendo-se em vista sua melhor adequação ao tipo de trabalho proposto, visto que os estudiosos da área concebem-na como um tipo especial de amostra que pode ser retirada de um universo mediante processo seletivo deliberado, ou seja, as unidades que comporão o corpo amostral são escolhidas intencionalmente pelo pesquisador, de forma a atender seus objetivos e metas de trabalho. Tal escolha justifica-se porque, ao estudar um tema específico da Comunicação, talvez fosse improdutivo trabalhar com uma amostra aleatória ou probabilística.

Materiais e Métodos

O presente artigo é parte integrante de um estudo mais amplo, em termos quanti e qualitativos, no qual foram analisados os exemplares das revistas *Veja*, *Istoé* e *Época* do

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



ano de 2006 (exceto o exemplar n. 417 de *Época*), além de uma quantificação do número de reportagens que apresentavam o(s) termo(s) *Aquecimento Global e/ou Efeito Estufa*. Também foi quantificada a centimetragem de texto dessas reportagens fazendo, em seguida, uma média de cada bimestre, no qual costumam circular 8 edições por magazine, aproximadamente.

Para este estudo, especificamente, foram escolhidos três exemplares (um de cada revista) que apresentavam maior *centimetragem de texto* em relação aos demais, sempre levando-se em conta o ano de 2006. Estes são relacionados a seguir: *IstoÉ*, edição 1927, de 27 de setembro, com o texto intitulado *O mercúrio onipresente* (p.114-117) e total de 313.2 cm; *Veja*, edição 1961, de 21 de junho, com a reportagem denominada *Apocalipse já* (p.68-83) e 1.272 cm; e *Época*, edição 439, de 16 de outubro, com uma série especial de reportagens intitulada *Pense Verde: o que você pode fazer para salvar o planeta* (p.42-77) e 2.069 cm.

Após as leituras, cada uma das reportagens recebeu análise qualitativa de forma individual, tanto pelo conteúdo quanto pela forma que apresentavam as informações científicas, sob a forma de texto próprio de divulgação científica, como bem diz Hernando (1970), em diversas de suas obras, como *Teoria e técnica do Jornalismo Científico*.

Desenvolvimento

A seguir, apresentaremos nossas conclusões a respeito das reportagens realizadas nas três revistas de circulação nacional, com os respectivos comentários e observações a respeito do que conseguimos extrair de nossa pesquisa:

IstoÉ

A reportagem *O mercúrio onipresente* (p.114-117), traduzida da revista americana *Time*, comenta sobre o metal mercúrio e suas formas de contaminação. Já no primeiro parágrafo, nota-se uma característica peculiar da forma com que os repórteres repassam o conhecimento científico:

Mas ao menos acreditávamos conhecer bem o mercúrio.

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



De onde o repórter retirou tal afirmação? Será que ele realizou algum tipo de estudo sobre o mercúrio? Não, ele apenas está comentando afirmações e estudos de algum pesquisador, mas não cita ninguém. Gomes (2004) lembra que quando não são citadas as fontes, o texto perde a credibilidade e a responsabilidade de erros e equívocos recai totalmente sobre o repórter.

Ao menos a gravura que ilustra as duas primeiras páginas da reportagem cita as fontes de onde foram retiradas as informações. O outro erro comum é a utilização de citações dos pesquisadores de forma inadequada, como mostra alguns exemplos retirados do texto:

As usinas de energia são o gorila de 300 quilos.

É meu produto químico favorito em termos de como se pode dispor dele.

A primeira citação refere-se à emissão de mercúrio pelas usinas termoeletricas acionadas a carvão e a segunda à forma de armazenamento do metal caso não seja mais comercializado. Depois que o jornalista descreve todo o problema, ele utiliza uma fala simples do especialista, que poderia ter sido incorporada ao texto escrito por ele (Gomes, 2004). Ocorre que o repórter se preocupa em colocar apenas o nome do especialista e a instituição que ele atua, mas não se preocupa com a qualidade da citação que utilizará. Dificilmente ele utiliza uma citação que realmente irá agregar algo mais sobre o assunto discutido.

Informações confusas também estão presentes nessa reportagem, relacionadas a um estudo sobre aves do biólogo chamado David Evers:

(...) constataram elevação de mercúrio no sangue de mais de 175 espécies antes não contaminadas.

(...) depois de recolher exemplares de 178 espécies de pássaros (...) Evers constatou que todos de fato estavam contaminados.

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (DeCS) - UNICENTRO



Se o número de espécies é 178 não havia necessidade de utilizar “mais de 175 espécies”. Bastava escrever “178 espécies”. Isso mostra a despreocupação com a coerência de dados ou falta de atenção na hora da tradução. Mesmo assim, esse é um tipo erro que não deveria acontecer, pois compromete a veracidade do estudo.

A relação do mercúrio com o aquecimento global aparece duas vezes no texto, onde o repórter afirma que quando as terras alagadas secam, “provável consequência do aquecimento global”, ficam mais susceptíveis a incêndios que liberam grandes quantidades de mercúrio na atmosfera. Porém, não cita fontes para dar credibilidade a essa hipótese.

Veja

Antes de continuar a análise nas outras reportagens é importante enfatizar um erro conceitual que vem ocorrendo em muitos trabalhos e reportagens. Trata-se do termo “mudança climática”. O correto para referir-se a variação da temperatura que esta ocorrendo atualmente é o termo “oscilação climática”, que ocorre em períodos menores (algumas décadas) aumentando ou diminuindo a temperatura em poucos graus Celsius.

A reportagem *Apocalipse já* (p.68-83), como se observa logo no título é pessimismo do começo ao fim. Refere-se a situação atual como “catástrofe global” e chega a comparar o aquecimento global à uma “praga apocalíptica”. Ao ler o primeiro parágrafo desse texto, com esse título e esse termo nada animador, o leitor com certeza, vai adquirir uma visão caótica do aquecimento global.

Ao comentar os debates dos cientistas sobre o grau de responsabilidade da ação humana, os efeitos das “mudanças do clima” e o que pode ser feito para que não se agrave, o repórter escreve a seguinte frase:

O debate, nos termos descritos acima, está morto e enterrado.

Por mais que a comunidade científica concorde com a participação do homem no agravamento do aquecimento global, essa foi uma frase infeliz, pois os outros dois termos ainda precisam ser discutidos e estudados por muito tempo. Não é algo que já esteja definido, ainda há muitas controvérsias.

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



Outro comentário desnecessário e que pode ser interpretado de forma errônea pelos leitores:

(...) como se pode escapar da armadilha que criamos para nós mesmos...

A palavra “criamos” dá a entender que o aquecimento global é de total responsabilidade nossa. Mas logo em seguida outra informação sobre os gases responsáveis pelo aquecimento distorce a afirmação anterior:

Processos naturais, como a decomposição da matéria orgânica e as erupções vulcânicas, produzem dez vezes mais gases que o homem.

Ainda com relação aos gases, outra passagem da reportagem, referindo-se ao dióxido de carbono, metano e óxido nitroso chama a atenção:

Esses gases resultantes da atividade humana...

Ao examinar toda a reportagem o leitor não vai saber de forma clara, que alguns gases são produzidos pela atividade humana e outros por processos naturais.

O uso da impessoalidade que Gomes (2004) comenta em seu trabalho como uma característica abundante nas páginas das revistas também esta presente nessa reportagem. O repórter, muitas vezes, utiliza os dados atuais do pesquisador e deduz resultados futuros. Mas será que ele (o repórter) sabe utilizar a metodologia científica utilizada pelo pesquisador? Se fosse tão simples assim deduzir resultados o próprio pesquisador já o teria feito. A seguir, alguns exemplos de impessoalidade e de omissão das fontes:

A estimativa é que o último desaparecerá até 2030.

A estimativa é que suba mais de 1 metro até o fim do século.

Se mantiver o ritmo atual, no fim do século a temperatura média será a maior dos últimos 2 milhões de anos.

No Brasil, uma elevação de apenas um grau reduziria a área propícia para cultivo do café em 32%.

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



(...) ¼ da superfície do planeta é de desertos agora. Só na China, as áreas desérticas avançam 10.000 quilômetros quadrados por ano, o equivalente ao território do Líbano.

Assustadora a última citação, não? Mas será que o leitor sabe ao menos o que é um deserto? Com certeza ele vai imaginar que ¼ da superfície do nosso planeta é areia. Não é bem assim. Segundo o glossário do site da Universidade de Brasília a definição de deserto é:

“Região árida com precipitação pluvial escassa (< 25 cm/ano), temperaturas frequentemente muito variáveis de noite para dia e/ou de estação para estação, vegetação ausente ou muito esparsa e característica (cactáceas, arbustivas e outras adaptadas ao meio), fauna também limitada e adaptada ao meio adverso”.
(www.unb.br/ig/glossario/verbete/deserto.htm - 2008).

Em seguida há uma explicação mais detalhada:

“Aproximadamente 1/3 da superfície terrestre é desértica, árida a semi-árida. Desertos podem se apresentar de diversas formas e tamanhos e dentro de cada tipo podem existir sub-regiões e mesmo subclimas, como campos de dunas (ergs), litossolo com seixos e cascalhos (reg) e rochas aflorantes por grande extensão”
(www.unb.br/ig/glossario/verbete/deserto.htm, 2008)

Mas, o assunto mais confuso é sobre o nível do mar. Primeiro fala que o nível subiu entre 8 e 20 cm em um século. Baird (2002) diz que foram entre 10 e 25 cm. Segundo, estima que quando o gelo da Groenlândia derreter o nível do mar subirá 7 metros e cidades como Parati e Recife vão precisar de diques de 8 metros. Terceiro, afirma que em 20 anos o nível do mar na costa brasileira aumentará 8 cm e segue essa informação com uma citação de um oceanógrafo:

Será preciso construir diques em Parati e no Recife.

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Deccs) - UNICENTRO



Além da divergência dos números, que provavelmente foram retirados de fontes diferentes, a citação do oceanógrafo foi desnecessária (como já foi discutido na análise da reportagem da *Istoé*), pois já havia citado tal informação.

Nada mais trágico, porém, quanto às previsões futuras e o que pode ser feito para amenizar os impactos do aquecimento global:

(...) tem uma única previsão futura, o agravamento da situação.

Obviamente, não há muito que se possa fazer para salvar a vida marinha.

Em vários aspectos já cruzamos o limite sem volta.

Mas nenhum país vai muito longe porque as alternativas custam caro e os riscos para a economia são altos.

São atitudes louváveis, mas de pouco efeito prático.

Ao terminar de ler esta reportagem o leitor, obviamente, não terá tantas esperanças de que o quadro atual do aquecimento global e do efeito estufa seja reversível. O excesso de “Caos” utilizado para chamar a atenção no texto não traz resultados positivos na conscientização das pessoas que não vão se preocupar em fazer alguma coisa, pois “está tudo perdido”. Também mostra que os repórteres com o pouco de conhecimento que adquiriram sobre o tema deixaram o sensacionalismo prevalecer sobre o conhecimento científico.

Época

Inicialmente, há um pequeno resumo (p.42-43) de toda a reportagem e um trecho desse resumo chama a atenção, pois fala que a revista *Época* procurou uma empresa chamada *Iniciativa Verde* para calcular quanto gás carbônico seria emitido na produção, impressão e distribuição desse exemplar. A empresa concluiu que seriam em torno de 360 toneladas de gás, e que para compensar seria preciso plantar 2003 árvores. Essas árvores (espécies nativas) seriam plantadas em áreas degradadas de Mata Atlântica do estado de São Paulo. É nessa atitude plausível, que se pode começar a diferenciar algumas características entre *Época* e as outras duas revistas analisadas anteriormente,

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



principalmente pelo otimismo perante o que cada cidadão pode fazer para contribuir com o meio ambiente.

O primeiro subtítulo (*Dez ameaças e uma esperança*, p.43-44) inclui, por exemplo, a perda de biodiversidade, a invasão biológica, além do efeito estufa, deixando bem claro que o aquecimento global acarreta outros problemas ainda mais graves. Com relação à “esperança” a que se refere à reportagem, destacam-se duas passagens:

A crise ambiental é alarmante. Mas já conseguimos resolver um problema global – o da camada de ozônio.

Em 2003, os cientistas mediram pela primeira vez o início da recuperação da camada de ozônio.

Essa recuperação não significa que o problema já foi resolvido, não quer dizer que se pode poluir sem qualquer ônus ao meio ambiente e à população, como se pode inferir no contexto da matéria. Apesar desse pequeno equívoco, as fontes, de onde foram retiradas as informações, são citadas no final da página.

O segundo subtítulo (*A verdade inconveniente*, p.46-50) é uma tradução, originalmente publicada na revista “*Vanity Fair*”, de autoria do ambientalista Al Gore. No texto Al Gore faz um apanhado geral do aquecimento global, não cita nenhuma fonte das informações, sendo assim, o texto não apresenta confiabilidade.

Em seguida *Os Heróis do Verde* (p.51-57) conta um pouco da história e trabalho de pessoas que investem e, até arriscam suas vidas, para preservar o meio ambiente. Em destaque no texto são postas as leis ambientais brasileiras como as mais modernas do mundo – mostrando a determinação de diversos profissionais, tais como cientistas, - promotores, jornalistas e até madeireiros brasileiros que contribuem cumprindo tais leis em benefício do meio ambiente. Isso leva o leitor a questionar suas ações ou mesmo a falta delas. A reportagem continua com *15 dicas para cuidar do planeta* (p.58-67), tais como economizar água, energia e contribuir com a conservação de áreas verdes. Atitudes simples, elaboradas com auxílio de especialistas do *Instituto Polis*, *Greenpeace* e o *Ministério do Meio Ambiente*, que somadas em âmbito mundial fazem total diferença. Entre essas dicas, o repórter apresenta as adaptações que algumas pessoas fizeram em seus estilos de vida para inserir ao dia-a-dia a sustentabilidade ecológica:

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



Na casa da astróloga Jane Leipnitz, perto de Brasília, a horta é regada com água da chuva. A água do tanque, da pia e do chuveiro é filtrada e reaproveitada.

Especialista em segurança alimentar, Mariana Romão, só compra a granel para o seu sítio em Itapeverica da Serra. Seu objetivo é incentivar a agricultura local.

Estudos científicos de importantes universidades (como *Harvard* e *Universidade da Califórnia*) e artigos de periódicos respeitados a nível internacional (*Science*, por exemplo) figuram o contexto científico de *Bem vindos à era do caos* (p.69-74). O gráfico sobre a concentração de *dióxido de carbono* na atmosfera da Terra nos últimos 600 mil anos não traz fontes. Apesar disso, as boas citações de especialistas reafirmam o contexto científico do texto.

Considerações Finais

Das três revistas, *Época* foi a que apresentou mais veracidade em suas informações, repassando o conhecimento para o leitor de uma forma coerente, cumprindo assim, seu papel de mediador científico. Veja, por mais que tenha publicado uma reportagem com um número de informações considerável, se deixa levar pelo sensacionalismo e pela falta de ética perante a exclusão das fontes científicas. Já em *Istoé* o Aquecimento Global e o Efeito Estufa não foram muito citados em suas reportagens, considerando que a maior reportagem do ano (que foi analisada nesse trabalho) continha apenas 4 páginas. Porém, esse resultado não significa que todas as informações que *Época* apresentou sejam, de fato cientificamente corretas, o que se analisará em um novo estudo somente nessa reportagem.

Referências Bibliográficas

AGRA, K.G. **Comunicação da Ciência: identificação da temática ambiental na revista brasileira de divulgação científica *Scientific American***. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



BAIRD, Colin. **Química Ambiental**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERQUÓ, Elza Salvatore. **Bioestatística**. São Paulo: EPU, 1981.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Cortez, 1991.

DEMILLO, R. **Como funciona o Clima**. São Paulo: Quark, 1998.

GOMES, I.M.D.A.M.. **A Representação da Ciência em Veja, IstoÉ e Época**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

HARROWER, Tim. **The newspaper's designer handbook**. New York: McGraw Hill, 2002.

HEBERLÊ, A.L.O.; SAPPER, S.M.. **Identidades e diferenças entre ciência e mídia**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

HERNANDO, Manuel Calvo. **Teoria e técnica do Jornalismo Científico**. São Paulo: Edusp, 1970.

JONH, Liana. **Imprensa, Meio Ambiente e Cidadania**. Santa Maria. Ciência e Ambiente. Vol. 1, n. 1, p.87-94, jul./2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO



MEADOWS, Arthur Jack. **Tornando públicas as pesquisas.** In: A Comunicação Científica. Brasília: Briquet de Lemos, 1999, p.161-208.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio Ambiente e Meios de Comunicação.** São Paulo: Annablume, 1995.

SANTOS, Roberto Elísio. **As Teorias da Comunicação – da fala à Internet.** São Paulo: Paulinas, 2003.

UNB–Universidade de Brasília. Disponível em
<www.unb.br/ig/glossario/verbete/deserto.html> Acesso em 20 de março de 2008.

VIEGAS,C.V. **Mudança climática fora do cotidiano: análise da cobertura de dois jornais num panorama de fragilidade da governança ambiental.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

WWF BRASIL. Disponível em < www.wwf.org.br>. Acesso em 20 de março de 2008.

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

²acadêmicos de Ciências Biológicas - UNICENTRO

³professores do Departamento de Comunicação Social (Decs) - UNICENTRO